

Adolescência e Psicose: Traumatismo e Violência do Pubertário

Deise Matos do Amparo¹

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Tarouquella R. Brasil

Lana dos Santos Wolff

Universidade Católica de Brasília, Brasil

Resumo

A adolescência é um período do ciclo vital caracterizado por mudanças corporais e psicológicas. Destacam-se os elementos ameaçadores e traumáticos quando o púbere se depara com transformações corporais violentas, a genitalização do psiquismo e do corpo. Investigou-se a imagem do corpo e as identificações primárias em um adolescente psicótico considerando esse impacto do pubertário. Utilizou-se o método de Rorschach, o HTP e o desenho da família. No Rorschach comparece uma imagem do corpo arcaica e identificações primárias regressivas. No HTP, destaca-se, a fragilidade do eu, os limites pouco constituídos, a figura humana destituída de elementos identitários e de trocas relacionais. Em suma, pode-se visualizar como o impacto do pubertário em um adolescente psicótico, funciona como um segundo traumatismo, atualizando a fragilidade narcísica experimentada na infância.

Palavras-chave: Adolescência; Psicose; Pubertário; Violência; Rorschach; HTP.

Adolescence and Psychosis: Traumatism and Violence of the Pubertarian

Abstract

Teenage is a period of the vital cycle characterized by body and psychological changes. Threatening and traumatizing elements are brought up when the teen faces severe body changes and the genitalization of his body and psyche. Body image and the primary identifications of a psychotic teen were investigated taking into consideration the pubertarian impact. The methods used were the Rorschach, the HTP and the family frame. On the Rorschach analysis there is an image of the archaic body and regressive primary identifications. On the HTP, fragility of the ego, not well constituted limits, a human figure destituted of identifying elements and relational exchanges are identified. Summing up, it is possible to realize that the impact of the pubertarian on the psychotic teen works out as a second traumatism, emphasizing the narcissistic fragility experienced during childhood.

Keywords: Adolescence; Psychosis; Pubertarian; Violence; Rorschach; HTP.

A adolescência é uma fase marcada por mudanças corporais (puberdade) e psicológicas que irão conduzir a uma nova relação com o mundo, interferindo na construção da identidade em um período caracterizado por diversas contradições. O momento é caracterizado, também, por lutos e perdas: do corpo infantil; do papel e identidade infantis; dos pais da infância e da bissexualidade infantil (Aberastury & Knobel, 1981). Para Levisky (1998), essa fase do ciclo vital é um processo de construção biológica, psicológica, social e cultural. No entanto, o autor pontua que independentemente do contexto em que o sujeito está inserido, o período é caracterizado por crises e desequilíbrios.

Outros autores, psicanalistas, enfatizam ainda os elementos ameaçadores e traumáticos deste período des-

tacando que o púbere se depara com transformações corporais violentas que apontam para uma genitalização do psiquismo e do corpo (Gutton, 1990; Marty, 2006). A pulsão sexual que na infância é marcada pelo autoerotismo e pela parcialidade, na adolescência deve ser genitalizada e direcionada para um objeto sexual externo. Frente ao novo alvo sexual, as pulsões e as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital solicitando um remanejando da libido e da organização corporal tomando como base as identificações primárias (Freud, 1905/2006). Nesse momento o adolescente deve fazer a prova da estabilidade do seu narcisismo e da integração do Eu.

Nesse sentido, a adolescência coloca em perspectiva uma reorganização da identidade corporal, psicológica e sexual da infância (Gutton 1990; Marty, 2000), ao mesmo tempo em que também aponta para a fragilidade narcísica que os jovens vivenciam nesse período (Jeammet, 1985). A cena pubertária é uma metaforização de processos internos e externos em que o corpo erógeno

¹ Endereço para correspondência: Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica, Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC – Ala sul, Bloco A, Térreo, sala AT 019, Brasília, DF, Brasil, CEP 70910-900. E-mail: deiseamparo@unb.br

da criança é centrado sobre os órgãos genitais em estado de excitação, assim como sobre as figuras parentais de incesto e agressão. Dessa forma, a cena pubertária é implicitamente agida, em uma concepção interativa. O adolescente tem a secreta certeza de que as representações edípicas têm uma correspondência em seus pais, e essa afirmação se transforma em uma convicção absoluta na psicose (Gutton, 1990).

Considerando-se o acontecimento pubertário que o sujeito vivencia e as relações eu-corpo, esse momento se apresenta como uma ameaça interna e externa à integridade do eu. O corpo púbere, muitas vezes, não é reconhecido como parte integrante do sujeito, e sim como um objeto externo, estranho, sentido como ameaça a unidade narcísica. Ao mesmo tempo, a libido pubertária desequilibra as relações objetivas colocando em risco a concretização das fantasias edípicas. Nesse sentido, mesmo com uma intensa instabilidade relacional, o processo da adolescência possibilita elaborar o bombardeio psíquico, as diversas transformações, desequilíbrios e traumas do pubertário (Marty, 2006). Contudo, vale a pena considerar que a adolescência segundo Marty (2009), não é uma doença, mas uma crise violenta que surge na vida do sujeito e pode fragilizá-lo narcisicamente.

Discutir de que modo a imagem corporal e as identificações primárias se constituem em um adolescente cuja psicose está presente desde a infância apresenta-se como um desafio particular, sobretudo porque esse momento pode ser concebido como um segundo traumatismo, tendo em vista que ele é organizado por restos pulsionais não elaborados, herdado da sexualidade precoce infantil e que na adolescência será reativado (Goëb, Botbol, & Golse, 2003).

A adolescência, enquanto período de instabilidade psíquica e reedição dos modelos relacionais primários, solicita uma organização primária estrutural da personalidade, ou seja, seus recursos de organização psíquica. Para os adolescentes que apresentam uma estrutura de ego frágil, esse momento pode ser particularmente difícil. A instabilidade dessa fase complica-se no caso daqueles que apresentam, desde a infância, sintomas psicóticos e é, sobretudo, considerando esse aspecto, que faremos algumas reflexões.

Jerusalinsky (1993, 2007) pontua que as psicoses ditas infantis decidem-se apenas na adolescência, época em que o sujeito terá possibilidades de produzir novas inscrições, tendo em vista que esse período convoca o sujeito a realizar rearranjos pulsionais que acarretam em mudanças drásticas tanto consigo mesmo, quanto no mundo relacional. Isto significa, segundo Chabert (2002), que o adolescente deverá se confrontar com tensões internas relacionadas ao trabalho psíquico exigido pelas reorganizações pulsionais e pelas tensões exteriores precipitadas por essas reorganiza-

ções refletidas no campo das relações interpessoais. No entanto, percebe-se nos casos de psicose a impossibilidade da passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário, pois a libido é maciçamente investida no Eu. Por outro lado há, também, a ausência da função Ideal do Eu como função simbólica herdeira do complexo de Édipo, que cria uma série de dificuldades em relação ao remanejamento das identificações primárias (Xavier, 1997).

No contexto da adolescência, as relações interpessoais com os adultos serão solicitadas de modo particular, marcando o jogo de identificações. No que concerne à constituição da imagem do corpo, é importante ressaltar as marcas do investimento imaginário materno no corpo infantil. As mães de psicóticos comumente apresentam um modo de funcionamento em que não há um investimento imaginado no corpo do filho como integrado e distinto do corpo materno, dessa forma, a relação é estabelecida pela mãe com o corpo real da criança (Aulagnier, 1991). Por outro lado, em relação à criança psicótica, nos deparamos com uma imagem do corpo arcaica, indiferenciada em relação ao corpo materno, marcada por uma angústia de fragmentação e esfacelamento.

Segundo Dolto (1992), o psicótico permanece escravo de uma imagem de corpo incomunicável, sem trocas relacionais, uma imagem coisa, onde só pode manifestar-se um ser-animal, um ser-vegetal ou um ser-coisa, que respira e pulsa, sem prazer nem dor. Nesse sentido, a imagem do corpo, enquanto ponto de comunicação inter-humano encontra-se desprovida de uma mediação “linguageira”, reduzindo-se a um esquema corporal.

Autores como Aulagnier (1991), Dolto (1992), Dolto e Sauverzac (1989), Jerusalinsky (2007), Kupfer (2000a, 2000b), Mannoni (1987), Xavier (1997) apontam as dificuldades na organização da imagem corporal e da constituição das identificações primárias para crianças e adolescentes psicóticos. As técnicas projetivas, particularmente o Rorschach e o HTP são instrumentos projetivos que permitem além de uma análise global da personalidade, a análise desses aspectos do funcionamento psíquico do sujeito, considerando sua singularidade (Buck, 2003; Chabert, 1993; Emamanuelli & Azoulay, 2001).

Alguns estudos têm sido realizados com adultos psicóticos utilizando o Rorschach nos estudos da psicopatologia da psicose (Chabert, 1993; Chabert & Verdon, 2008; Menezes, 1996) e da psicoterapia (Semer et al., 2008). Alguns pesquisadores se debruçaram na investigação da imagem do corpo e das identificações primárias em adolescente psicótico utilizando os métodos projetivos (Boizou, Chabert, & Rausch de Trautenberg, 1978; Brasil, Amparo, Fontoura, Wolff, & Murelli, 2008; Emamanuelli & Azoulay, 2001). Contudo, principalmente no Brasil, essas pesquisas ainda são restritas.

Visto que a relação com as figuras parentais é importante para a estruturação psíquica do sujeito, o estudo das técnicas projetivas relacionando psicose, imagem do corpo e identificações primárias, pode trazer contribuições para o tratamento, realização de diagnósticos diferenciais mais precisos, intervenções precoces favorecendo, assim, modos de vinculação mais saudáveis.

Pretende-se discutir nesse trabalho, a partir de um estudo de caso, os aspectos relativos à imagem do corpo e às identificações primárias de um adolescente que atravessa o impacto do pubertário cuja psicose eclodiu na infância. Analisa-se um caso de psicose que se inicia na infância e é descompensada na adolescência, neste caso, cabe-nos argumentar se as transformações pubertárias podem ser ainda mais ameaçadoras e traumáticas, tendo em vista que as transformações corporais serão vividas como invasivas e desorganizadoras.

Método

Utilizou-se o método de pesquisa clínico-qualitativa com estudo de caso de um adolescente, para compreender o fenômeno em questão (Turato, 2003). Esse adolescente e sua mãe foram acompanhados em uma clínica universitária de atendimento psicológico – Centro de Formação de Psicologia Aplicada (CEFPA) da Universidade Católica de Brasília, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a realização de pesquisa. Além das entrevistas clínicas, foram utilizados como instrumentos de avaliação psicológica: entrevistas semiestruturada, HTP, Desenho da Família e Rorschach.

A entrevista semidirigida ou semiestruturada favoreceu, por meio de um roteiro básico, investigar e aprofundar aspectos relevantes para a compreensão do caso. Além disso, na perspectiva da pesquisa clínico-qualitativa, a entrevista foi embasada em pressupostos psicanalíticos como o *setting*, transferência e contra-transferência (Turato, 2003). O HTP forneceu informações que, relacionadas à entrevista e outras técnicas de avaliação, possibilitaram o acesso aos traços de personalidade e aspectos conflitivos (Buck, 2003). Já o Método de Rorschach, como um teste projetivo, permitiu a compreensão do funcionamento psíquico do sujeito considerando a sua singularidade. Especificamente no caso da psicose, o Rorschach favoreceu o acesso às formas de pensar particulares dessa psicopatologia, a imagem do corpo e as identificações (Chabert, 1993).

Resultados

Uma Vinheta Clínica como Ilustração

Salomão (nome fictício) é um adolescente de 15 anos com um diagnóstico de psicose desde a infância. Na

época do seu nascimento, seus pais, Isabel e Felipe (nomes fictícios) enfrentavam dificuldades financeiras. Além disso, Felipe não desejava um filho no contexto em que viviam. Ao contrário do marido, Isabel desejava imensamente o bebê e idealizou ser uma mãe carinhosa e protetora. Assim, para um filho especialmente desejado, Isabel buscou um nome típico da nobreza, o nome de um rei da bíblia: Salomão.

A relação entre mãe e filho foi marcada desde o princípio por intensa dedicação. Aos primeiros sinais de desconforto do bebê, Isabel era-lhe sempre solícita, a ponto de colocá-lo para dormir na cama do casal. Aos seis anos de idade, Salomão passou a frequentar uma pré-escola e a dormir em seu próprio quarto.

A presença de seu pai em casa era rara, pois ele trabalhava muitas vezes diuturnamente. Isabel se queixa da ausência do companheiro no cuidado com o filho da seguinte maneira: “Quando Salomão foi crescendo que ele [o pai] viu que o menino estava presente. Foi aí que ele foi ver que o menino era gente”.

Quando Salomão completou sete anos de idade, Isabel decidiu ter outro filho para que Salomão não se sentisse tão só. Com o nascimento do irmão, Salomão verbalizava a seus pais: “Perdi o meu lugar”. Dois anos depois, nasceu o terceiro filho do casal, uma menina. Nesse período, Salomão começou a apresentar sintomas que preocuparam seus professores, mas nenhum encaminhamento médico ou psicológico foi realizado por esses profissionais, de modo que aos nove anos seu comportamento na escola tornou-se disfuncional apresentando, também, um episódio de fuga de casa. Diversas vezes, Isabel foi chamada à escola, pois Salomão não conseguia ficar em sala de aula além de isolar-se do contato com os outros alunos. Ao chegar ao colégio, a mãe encontrava o filho assustado, geralmente caído no chão, reclamando de dores no corpo. Isabel, preocupada com a mudança de comportamento do filho, procurou ajuda em hospitais que o internaram por duas vezes, submetendo-o a diversos exames clínicos, que não comprovaram comprometimento – físicos.

Diante do isolamento social e das dores corporais injustificáveis, Salomão foi encaminhado a um Centro de Atendimento Psicológico, no qual foi acompanhado por psicólogos e psiquiatras, tendo o diagnóstico de psicose se configurado nesse período. Dos nove até aos onze anos de idade, Salomão foi medicado e os sintomas entraram em remissão. Com a sua melhora, aos onze anos, Salomão voltou a frequentar a escola, apresentando bom rendimento escolar e interação com os colegas.

No momento da adolescência, em que Salomão, solicitado por uma reorganização psíquica e por uma genitalidade ameaçadora, voltou a apresentar comportamentos regressivos acentuando-se os sintomas de isolamento social, heteroagressividade, alucinações e delírios. O conjunto dessa clínica reforçou o diagnóstico de

psicose aos 13 anos. Sobre esse momento a mãe diz: “Ele está vivendo como uma plantinha lá fora...”, “Ele vira mesmo um bebê e fala como uma criança pequenininha”. Atualmente aos 15 anos, Salomão encontra-se em atendimento psicológico e psiquiátrico.

Análise do método de Rorschach, do HTP e do Desenho da Família

Organização do Pensar e Contato com a Realidade. O Rorschach de Salomão apresenta baixa capacidade produtiva, o que pode indicar pobreza intelectual ou defesa paranóide ($R = 10[1]$). O pensamento encontra-se lentificado ($T/R = 2'07''$) e com falhas nos processos lógicos ($F+\% = 0$; $F\% = 0$). O modo como Salomão percebe as pranchas, através de combinações globalizadas confabulatórias denota pouco contato com a realidade concreta ($G\% = 100$; $D\% = 0$), e falhas na organização do pensar (Combinação Confabulatória II, III, V, VII; $DG = 7$). O contato com a realidade encontra-se muito prejudicado ($D\% = 0$, $I.R = 1 =$ Hipoplástico, repostas originais=7, Ban[1]). O relacionamento com o mundo é percebido por Salomão de forma ameaçadora, persecutória e destrutiva. Isso pode ser percebido na sua resposta dada à prancha I: “Dois olhos, duas bocas que fica me apavorando...”.

No HTP Salomão demonstra dificuldade nos contatos sociais, inibição, retraimento e medo defensivo do perigo externo desejando ser protegido e/ou se defendendo contra os impulsos ou estímulos externos (falta de linha de base nos desenhos, figura palito; casa em perfil absoluto; janelas com grades; porta fechada). Sente-se isolado, inseguro e com a sensação de estar cercado (casa com arbustos e vegetais; janelas com grades).

A Dinâmica dos Afetos e a Angústia. No Rorschach, Salomão demonstra fraco controle dos impulsos e emoções, com tendência à passagem ao ato ($F\% = 0$; Combinação Confabulatória II, III, V, VII; $\Sigma C:\Sigma E = 4,5:3,5$; $K-: kan +kob = 3:3$). Há indicadores de uma angústia disfórica e de fragmentação, com irritabilidade e agressividade que pode ser autodirigida ou dirigida aos outros ($FC:CF+C = 0:4(sec)$; índice de angústia = 40%; choque ao vermelho III, conteúdo mórbido II, III, VI, VII, VIII; $Clob=3$, conteúdo sinistro I, II, IV, V, VI, IX).

Em relação ao HTP pode-se apontar que há um domínio da vida pulsional e emocional com imaturidade. Estão presentes sentimentos de constricção em relação ao ambiente com uma tendência a reagir com agressividade na realidade ou na fantasia (tronco longo). Apresenta traços de regressão e dependência excessiva em relação ao meio e às pessoas (preenchimento da copa com frutos; porta excessivamente grande; raiz que aparecem por meio do solo transparente).

A Imagem do Corpo e a Representação de Si. Em relação ao Rorschach, a análise das respostas humanas no teste demonstra a tendência de Salomão à desrea-

lização e à fragmentação ($Hd=1$; $(H) =2$; $H=1$), bem como a apresentação de uma dinâmica de contato com o outro carregada de sentimentos persecutórios e de ataque, principalmente quando associado às respostas de movimento ($K=-3$). Por exemplo, na prancha III “duas pessoas más que ficam brigando um contra o outro, até um morrer”; prancha IX “aquele fantasma feio que tava me perseguindo durante a noite”; prancha X “aqui é esse rei malvado, que fica maltratando com os deles, as pessoas que ele comandava”.

A prancha V revela a tentativa de Salomão de constituir uma identidade integrada, no entanto, o que sobressai é a depressividade e o sobreinvestimento nos limites, ele diz:

“Uma borboleta... muito escura e que ela saiu pra fazer maldade. Ela saiu pra torturar alguém com essas duas faquinhas... esses dois lados a antena que ela tem na cabeça que solta fogo, soltando fogo pela cabeça e vai matando as pessoas com isso” ($G kan/Fclob A/Obj/ Fogo$).

A percepção das extremidades da prancha, marca a necessidade de defesa do Eu, defesa do movimento pulsional interno, que pode ser destrutivo, ou do mundo externo. Há sempre uma ameaça de morte e destruição carregada de uma angústia disfórica.

Um Corpo Esburacado e que Pode Vazar... O desenho da pessoa no HTP é a expressão de como o sujeito

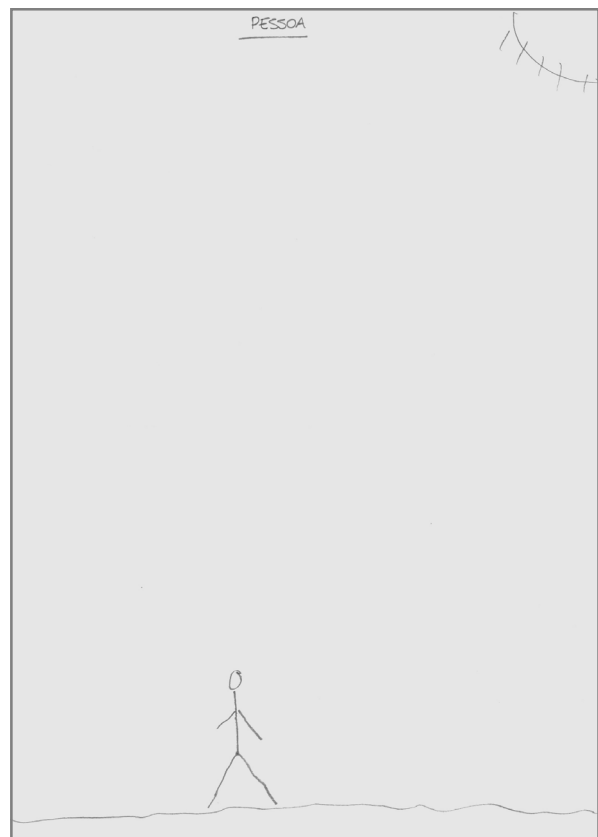


Figura 1. O desenho da pessoa.

se percebe. Nesse desenho (Figura 1), Salomão omitiu os elementos que criam identidade como, por exemplo, a face (olhos, nariz, boca). Além disso, não há definição de partes corporais como mãos, pés, cabelo, ouvido, ou seja, o corpo comparece de forma hiper-concreta.

Nesse sentido, o corpo representado como desvitalizado, apresenta-se destituído de elementos de troca relacional. O contato com o outro não ocorre já que todos os pontos de troca estão ausentes. A figura humana sem face, sem os orifícios que permitem a troca relacional com o meio, pode traduzir a tentativa de se assegurar da ameaça de que algo possa vaziar como se observa na prancha V do Rorschach, comentada no item anterior.

A Casa como Metáfora do Corpo e do Eu. No HTP o desenho da casa (Figura 2), evoca associações do relacionamento familiar e também é um autorretrato que

expressa às relações do sujeito com a fantasia e a realidade; a imagem corporal; o ego e o contato com o meio ambiente. No desenho de Salomão, faltam as paredes da casa, que simbolizam a integração e força do ego. Nesse sentido, percebe-se que o ego não está bem constituído, ele utiliza a borda do papel como parede e a porta, em si mesma é uma parede, denotando um corpo e um Eu que pode ser invadido pelas extremidades. Por outro lado, os elementos de troca relacional (portas e janelas) estão fechados e gradeados o que limita o contato com o mundo e a tentativa de proteção contra algo ameaçador que pode atingi-lo de forma violenta. Ao justificar porque a porta estaria fechada, Salomão pontua: “Porque, se não, vai bater e quebrar”. O contato com o mundo é sentido como algo destrutivo, uma ameaça que coloca em cheque um Eu frágil que pode despedaçar.

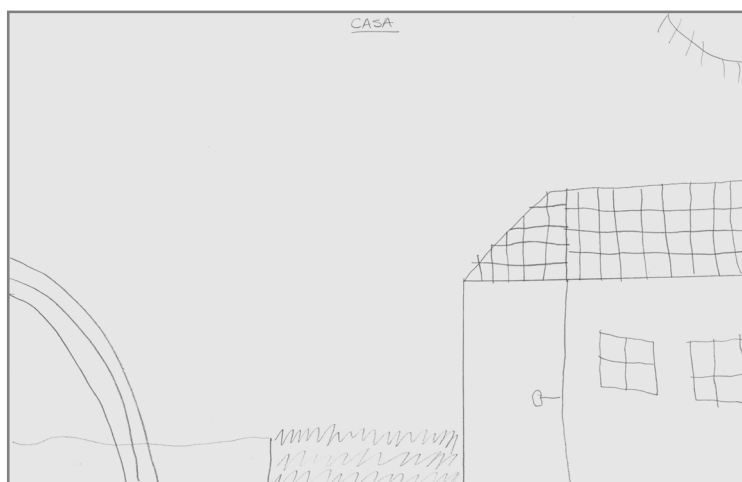


Figura 2. A casa.

As Identificações e Representação das Figuras Parentais. As pranchas VII e IV do Rorschach, normalmente, são tidas como suscitando as imagos maternas e paternas (Chabert, 1993; Vaz, 1990). No que se refere à imago materna, nota-se, de forma marcante, como essa prancha tem um efeito de desorganização. A ausência de limite, e a destruição decorrente da invasão tornam-se evidentes na resposta da prancha VII, quando fala:

“... as terras sombrias de Jerusalém. Aqui, no meio, tava a cidade, só que aí essa cidade ela foi destruída. Essa cidade, ela veio com fogos e muita água. Aqui veio uma enchente de água muito forte e começou a derrubar todos os muros que protegiam Jerusalém e nem os muros aguentaram com a força da água... A água veio muito forte e atingiu todas as pessoas e começou a devorar tudo *que tinha pela frente*”.

Falta a Salomão borda, limite, barreira, o que torna o contato materno destrutivo e ameaçador.

No que se refere à figura paterna, a angústia disfórica predomina ao mesmo tempo em que comparece a incidência do corte e da cisão denotando a ameaça que significa a imago parental, na prancha IV, diz:

“... monstro de duas cabeças... esse tronco onde ele pega e ele corta tudo... e esses são os pés dele, onde pega esmaga tudo que tem... e essas são as mãos malvadas dele que onde pega mata qualquer coisa”.

Nos desenhos da família real (Figura 3) e ideal (Figura 4) Salomão introduz algumas pequenas modificações nas figuras humanas que são importantes de serem analisadas. No desenho da família real, os membros estão desprovidos de traços humanizantes (sem faces) e desvitalizados e apresentam separações/cisões nas pernas, denotando o efeito da clivagem psíquica. Ao representar a família ideal, o adolescente introduz características identitárias em todos os rostos, que passam a ter face e expressões de contato. Ele aproxima

mais os membros da família, e o casal parental volta os olhos para o adolescente, muito embora ainda permaneça o traçado desvitalizado da figura palito e a cisão nas pernas.



Figura 3. Família real.



Figura 4. Família ideal.

Discussão

Ao longo das avaliações realizadas com as técnicas projetivas, percebeu-se que Salomão não conseguia estabelecer um contato com a realidade asseguradora, pelo contrário, o contato com o mundo revelou-se destrutivo, como uma ameaça ao ego frágil e passível de se despedaçar.

A mobilização psíquica da adolescência pode ser traumática, pois exige do sujeito um novo modo de relação com o ambiente, mas também com o corpo e com sua sexualidade. A exemplo do que ocorreu com Salomão.

A adolescência como reatualização do infantil impõe o desafio de elaborar e de sublimar o segundo tempo do traumatismo edipiano, desafio este que exigirá um trabalho psíquico não negligenciável. As transfor-

mações pubertárias inserem o sujeito em um novo corpo, cujas transformações assumem um caráter violento, pois o invadem sem que ele possa controlá-las (Marty, 2000). Nessa perspectiva, o púbere torna-se ao mesmo tempo refém e estrangeiro do seu próprio corpo.

Observa-se, nos resultados de todos os instrumentos projetivos, que esta experiência do pubertário atinge a imagem corporal. No Rorschach de Salomão comparecem indicadores da angústia de fragmentação e da dificuldade de delimitação dentro/fora. No desenho da figura humana e da família o adolescente omite os elementos que criam identidade como, por exemplo, a face (olhos, nariz, boca); além disso, não há definição de partes corporais como mãos, pés, cabelo, ouvido, ou seja, o corpo comparece de forma hiper-concreta. A figura humana sem face, sem os orifícios que não permitem a troca relacional com o meio, pode traduzir a tentativa de assegurar-se da ameaça de que algo possa vazar, do interior do corpo para o exterior, tal como coloca Delaunay (1979).

Notamos que, como aponta a literatura sobre psicose (Chabert, 1993; Dolto, 1992), no caso de Salomão há uma dificuldade na construção da imagem corporal. Sobre esse aspecto, Anzieu (1989) coloca que os contatos sensoriais são fundamentais para o estabelecimento do envelope corporal. As experiências táteis, ainda nos primórdios da primeira infância, conduzem a diferenciar uma superfície que comporta uma face externa e uma face interna, distinguindo o dentro e o fora e ainda um volume que dá a idéia de conteúdo e continente. A pele, como um dado de origem orgânica, é também imaginária, funcionando como um sistema de proteção da individualidade e, concomitantemente, como instrumento das trocas relacionais. É um *elan* integrador dos dados sensoriais que delimitam o pré-Eu corporal. Esse último funciona como precursor da identidade pessoal e do sentimento de realidade que caracterizam o Eu psíquico.

A pele estabelece por excelência a relação entre o orgânico e o psíquico, por ser ao mesmo tempo um sistema de proteção do corpo e o primeiro instrumento e lugar de troca entre a criança e o adulto que se ocupa dela. A possibilidade de metaforização do corpo evoca uma dimensão espacial essencial (Anzieu, 1987). Assim, a pele enquanto superfície possui a função de limite corporal e de representação do espaço psíquico: dentro e fora; interioridade e exterioridade; eu e o outro. Nesse sentido, a argumentação teórica do Eu-pele de Anzieu (1989) nos fornece elementos fundamentais para sublinhar os argumentos de que o Eu-pele se constitui num envelope, um contorno protetor e instaurador do Eu. Com relação ao corpo do outro, “estar colado em alguém”, é dos enganos que esta proximidade promove. Desse modo, a cola apresenta também uma conotação sexual – ela é o resultado da adesividade (Anzieu, 1990).

Com o conceito de Eu-pele, Anzieu (1989) pretende mostrar que o Eu se funde ao Eu corporal, ou seja, nas fases precoces de desenvolvimento o Eu se funde ao corpo para se representar e se estabelecer a partir de experiência da superfície do corpo. Sem dúvida, é nessa estranha e familiar relação entre vida psíquica e espaço corporal, que a metáfora do arrombamento pubertário nos remete a experiência de violação corporal e psíquica do sujeito. Nesse contexto, a puberdade impõe ao sujeito, ao mesmo tempo, uma experiência invasora e enigmática, com as quais ele será confrontado e que lhe solicitará um intenso trabalho psíquico. Nesse sentido, as transformações pubertárias fazem uma exigência de trabalho psíquico, uma exigência de pensar.

A imagem do corpo arcaica, apresentada por Salomão, mostra um corpo habitado pela pulsão de morte ameaçadora e invasiva que pode ser inerente ao pubertário (Marty, 2006, 2009). A dimensão traumática, dessa massividade pulsional, se instaura quando um eu frágil, narcisicamente constituído, revela um corpo que, a qualquer momento, pode vazar diante da ferocidade pulsional. A agressividade que Salomão dirige a si mesmo e aos outros são efeitos deste movimento pulsional, associado à tentativa de diferenciação, tomada no seu aspecto regressivo.

No Rorschach de Salomão a busca da percepção das extremidades das pranchas (prancha V), marca a necessidade de defesa do Eu, defesa do movimento pulsional interno, que pode ser destrutivo em relação a si ou em relação ao mundo externo. No desenho de Salomão, faltam paredes da casa, que simbolizam a fragilidade da integração e força do ego. O contato com o mundo é sentido como algo destrutivo, uma ameaça que coloca em cheque um ego frágil que pode despedaçar.

A invasão do mundo externo pode ocorrer de maneira brutal, extinguindo o espaço de delimitação entre o mundo interior e exterior. O que vem de fora massacra Salomão, corrói seus pensamentos, tornando-os impossíveis de serem contidos em um corpo e um psiquismo fragmentado, denotando uma imagem do corpo narcisicamente pouco constituída.

A ausência de limite, e a destruição decorrente da invasão tornam-se evidente no Rorschach, particularmente na resposta à prancha materna. Em relação à figura paterna comparece a angústia disfórica e a incidência do corte e da cisão denotando a ameaça que significa a imago parental.

A imago materna, organizada a partir dessa valência destrutiva "... as terras sombrias de Jerusalém. Aqui no meio tava a cidade, só que aí essa cidade ela *foi destruída*" como demonstra a resposta à prancha VII do Rorschach, é concebida como ameaçadora, invasiva, rompendo limites e barreiras. Salomão se encontra preso ao desejo inconsciente materno, destituído de sua posição enquanto sujeito desejante (Dolto, 1992; Kupfer,

2000a, 2000b). O contato com o mundo é sentido como algo destrutivo, uma ameaça que coloca em cheque o ego frágil que pode despedaçar. Esse modo de funcionamento evidencia o corte em relação ao mundo externo que se constitui como efeito do que Lacan (1955/1985) denomina, a forclusão do Nome-do-pai e que traz ressonâncias na constituição da imagem do corpo e das identificações.

Nos adolescentes psicóticos o delírio pode se constituir como um meio de se distanciar do outro, mas também de suas próprias fantasias incestuosas e do parricídio, todos esses aspectos reunidos eram vividos por Salomão como uma ameaça de intrusão externa e ao mesmo tempo de uma ameaça dele em relação a seus familiares, em função de sua agressividade mortífera da qual ele quer lhes proteger. Assim, segundo Goëb et al. (2003), o delírio permite um distanciamento entre o sujeito e o mundo externo.

Considerações Finais

Este trabalho procurou chamar a atenção para os contornos traumáticos da puberdade, e o quanto ela pode ser desestabilizadora narcisicamente para aqueles sujeitos cujos episódios de surtos psicóticos ocorreram na infância. Assim, na busca de melhor compreender de que modo a psicose na adolescência atinge a imagem do corpo e as identificações primárias, tal como aponta a literatura (Boizou et al., 1978; Emamanuelli & Azoulay, 2001), este trabalho apresentou um estudo de caso, apoiado no uso de técnicas projetivas, que permitiu analisar o impacto do pubertário em um adolescente psicótico. Nesse contexto, este período do pubertário funciona como um segundo traumatismo, atualizando a fragilidade narcísica já experimentada na infância. Nos dados obtidos com as técnicas utilizadas, foi possível identificar os efeitos desse traumatismo, seus correspondentes na imagem do corpo e nas identificações em uma organização narcísica, egóica, frágil e suscetível de dissolução.

Retomando o que coloca Gutton (2000), o objeto traumático é sempre uma coincidência entre duas histórias, uma interna e outra externa, o que conta muito na experiência traumática é a insuficiente regulação entre dentro e fora. De certa forma, pode-se dizer que esses adolescentes, narcisicamente frágeis, com identificações pouco constituídas, do ponto de vista da diferenciação, tem dificuldades de ligar a libido na sua economia psíquica. O que produz uma imagem de corpo esburacada que esvai, fragmenta e dissolve.

De modo geral os adolescentes conseguem passar por este período sem que se instale uma psicopatologia, contudo, algumas vezes as transformações desse período são acompanhadas de manifestações patológicas quando o adolescente é ultrapassado em sua capacidade

de lidar com a violência do pubertário, e se sente ameaçado em sua imagem corporal. Nesse contexto, os adultos que cercam o adolescente, nesse período, serão particularmente solicitados, pois terão que ajudá-lo a enfrentar no real do corpo as visíveis modificações, bem como, exercerem a função de paraexcitação daquilo que ao sujeito adolescente esteja transbordante. Contudo, os adolescentes podem não encontrar à sua volta adultos que possam sustentar a posição de suporte, de modo que alguns enfrentarão sozinho esse desafio, o que poderá tornar muito complexo esse período da vida.

Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Anzieu, D. (1987). Les signifiants formels et le moi-peau. In D. Anzieu (Ed.), *Les enveloppes psychiques* (pp. 19-41). Paris: Dunod.
- Anzieu, D. (1989). *O eu-pele*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Anzieu, D. (1990). *L'épiderme nomade et la peau psychique*. Paris: Apygée.
- Aulagnier, P. (1991). Observações sobre a estrutura psicótica. In C. S. Katz (Ed.), *Psicose: Uma leitura psicanalítica* (2. ed., pp. 203-246). São Paulo, SP: Escuta.
- Boizou, M-F., Chabert, C., & Rausch de Traubenberg, N. (1978). Représentation de soi, identité, identification au Rorschach chez l'enfant et chez l'adulte. *Bulletin de Psychologie*, 32(339), 271-277.
- Brasil, K., Amparo, D. M., Fontoura, F., Wolff, L., & Murelli, L. (2008). Um psiquismo para dois na psicose: A escola e a psicoterapia como interdição. In *Proceedings of the 7th Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito*. Retrieved July 4, 2010, from http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032008000100043&lng=en&nrm=iso.
- Buck, J. N. (2003). *HTP: Manual e guia de interpretação*. São Paulo, SP: Vetor.
- Chabert, C. (1993). *A psicopatologia no exame do Rorschach*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Chabert, C. (2002). Les parents intérieurs. *La Psychiatrie de L'enfant*, 452(2), 379-391.
- Chabert, C., & Verdon, B. (2008). *Psychologie clinique et psychopathologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Delaunay, P. (1979, journées du 16 et 17 juin). *Corps et structure*. Conférence au groupe de Recherche: Rorschach et Psychopathologie Phénoméno-Structurale, Liller, France
- Dolto, F. (1992). *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Dolto, F., & Sauverzac, J-F. (1989). *Dialogando sobre crianças e adolescentes*. Campinas, SP: Papyrus.
- Emmanueli, M., & Azoulay, C. (2001). *Les épreuves projectives à l'adolescence: approche psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 123-250). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1905)
- Goëb, J.-L., Botbol, M., & Golse, B. (2003). Adolescence et évolution schizophrénique de psychoses infantiles: particularités cliniques en comparaison de schizophrénies "de novo". *La Psychiatrie de L'enfant*, 461(1), 257-325.
- Gutton, P. (1990). *Le pubertaire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Gutton, P. (2000). Le traumatisme à l'adolescence: son expérience, sa source, la vulnérabilité. In F. Marty (Ed.), *L'illégitime violence: la violence et son dépassement à l'adolescence* (pp. 21-31). Ramonville Saint-Agne, France: Éres.
- Jeammet, P. (1985). Actualités de l'agir. A propos de l'adolescence. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 31, 201-222.
- Kupfer, M. C. M. (2000a). Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. *Psicologia USP*, 11(1), 85-105. Retrieved September 19, 2008, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642000000100006&lng=pt&nrm=iso.
- Kupfer, M. C. M. (2000b). *Educação para o futuro: Psicanálise e educação*. São Paulo, SP: Escuta.
- Jerusalinsky, A. (1993). Psicose e autismo na infância: Uma questão de linguagem. *Psicose - Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 9(9), 62-73.
- Jerusalinsky, A. (2007). *Psicanálise e desenvolvimento infantil: Um enfoque transdisciplinar* (4. ed.). Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.
- Lacan, J. (1985). *O seminário: Livro 3. As psicoses* (6. ed., A. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1955)
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: Pelos caminhos da violência*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Mannoni, M. A. (1987). *A criança, sua doença e os outros*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- Marty, F. (2000). *L'illégitime violence: la violence et son dépassement à l'adolescence*. Ramonville Saint-Agne, France: Éres.
- Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. *Ágora*, 9(1), 119-131. Retrieved September 16, 2008, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100009&lng=pt&nrm=iso
- Marty, F. (2009). La psychothérapie psychanalytique d'adolescent existe-t-elle? *Le Carnet Psy*, 4(125), 22-29.
- Menezes, D. M. A. (1996). *A imagem do corpo e a simbolização na esquizofrenia: Um estudo teórico clínico com o método de Rorschach*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade de Brasília, DF.
- Semer, L. N., Yazigi, L., Fiore, M. L. de M., Silva, J. F. R., Bianco, S. M., & Gazire, P. (2008). Psychic changes: The Rorschach, the psychoanalytical process and the analyst-analysand relationship. *Revista Interamericana de Psicología*, 42(2), 187-194.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vaz, C. E. (1990). *O Rorschach: Teoria e desempenho* (2. ed.). São Paulo, SP: Manole.
- Xavier, E. F. (1997). A irrupção da psicose na adolescência. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Ed.), *Adolescência: Entre o passado e o futuro* (pp. 181-188). Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

Received 27/07/2010
Accepted 31/08/2009

Deise Matos do Amparo. Universidade de Brasília, Brasil.
Katia Tarouquella R. Brasil. Universidade Católica de Brasília, Brasil.
Lana dos Santos Wolff. Universidade Católica de Brasília, Brasil.